

UMA HISTÓRIA CONTADA DO PONTO DE VISTA
DE WARNER, O CRUEL LÍDER DO SETOR 45

DESTROUA-ME

TAHEREH MAFI



Sumário

[Folha de Rosto](#)

[Sumário](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Redes Sociais](#)

Destrua-me

Tahereh Mafi

Tradução

Maria Angela Amorim De Paschoal



Saiba Mais

Estilhaça-me



Juliette nunca se sentiu como uma pessoa normal. Nunca foi como as outras meninas de sua idade. O motivo: ela não podia tocar ninguém. Seu toque era capaz de ferir e até matar.

Durante anos, Juliette feriu e, segundo seus pais, arruinou o que estava à sua volta com um simples toque, o que a levou a ser presa numa cela.

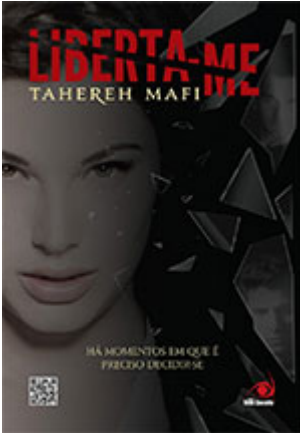
Todo dia era escuro e igual para Juliette até a chegada de um companheiro de cela, Adam. Dentro do cubículo escuro, Juliette não tinha notícias do mundo lá fora. Adam ia atualizando-a de tudo.

Juliette não entendeu bem o que estava acontecendo quando foi retirada daquela cela e supostamente libertada, ao lado de Adam, e se vê em uma encruzilhada, com a possibilidade de retomar sua vida, mas por caminhos tortuosos e totalmente desconhecidos.

“Estilhaça-me” é um romance fantástico, que intriga, angustia e prende o leitor até a última página com uma história surreal que mistura amor, medo, aventura e mistério e traz um desfecho surpreendente.

Liberta-me (lançamento)

Liberta-me é o segundo livro da trilogia de Tahereh Mafi. Se no primeiro, Estilhaça-me, importava garantir a sobrevivência e fugir das atrocidades do Restabelecimento, em Liberta-me é possível



sentir toda a sensibilidade e tristeza que emanam do coração da heroína, Juliette.

Abandonada à própria sorte, impossibilitada de tocar qualquer ser humano, Juliette vai procurar entender os movimentos de seu coração, a maneira como seus sentimentos se confundem e até onde ela pode realmente ir para ter o controle de sua própria vida. Uma metáfora para a vida de jovens de todas as idades que também enfrentam uma espécie de distopia moderna, em que dúvidas e medos caminham lado a lado com a esperança, o desejo e o amor.

A bela escrita de Tahereh Mafi está de volta ainda mais vigorosa e extasiante.

Copyright © 2012 by Tahereh Mafi
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Edição: Edgar Costa Silva
Preparação de Texto: Aline Salles
Diagramação ePUB: Brendon Wiermann

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mafi, Tahereh

Destrua-me / Tahereh Mafi; [tradução Maria Angela Amorim de Paschoal]. — Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.

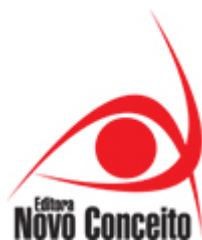
Título original: Destroy me

ISBN 978-85-8163-029-8

Ficção norte-americana I. Título.

12-00226 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
Ficção: Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Prólogo

Atiraram em mim.

E por incrível que pareça, um ferimento a bala dói muito mais do que eu havia imaginado.

Minha pele está fria e pegajosa, estou fazendo um esforço enorme para respirar. A dor no meu braço direito é excruciante, e tenho dificuldade em me concentrar. Tento fechar os olhos com força, ranger meus dentes, e me forço a prestar atenção.

O caos é insuportável.

Várias pessoas estão gritando e muitas delas estão me tocando, e desejo que alguém remova aquelas mãos do meu corpo. Elas não param de gritar — Senhor! — como se ainda estivessem esperando por mim para lhes dar ordens, como se não soubessem o que fazer sem minha ajuda. Perceber isso me deixa exausto.

— Senhor, pode me escutar? — Outro grito. Mas desta vez, uma voz que não detesto.

— Senhor, por favor, está me escutando...

— Levei um tiro, Delalieu. — É o que consigo balbuciar. Abro meus olhos. Vejo seus olhos marejados. — Não estou surdo.

De repente todo o barulho desaparece. Os soldados se calam. Delalieu me olha. Preocupado.

Dou um suspiro.

— Me leva de volta — digo a ele, me mexendo um pouco. Parece que o mundo está rodando, mas de repente se estabiliza. — Alerta

os médicos e peça que preparem um leito para a nossa chegada. Enquanto isso suspenda meu braço, e continue a pressionar diretamente no ferimento. A bala trincou ou quebrou alguma coisa e vou precisar de cirurgia.

Delalieu não diz nada por um momento longo demais.

— É bom saber que está bem, senhor. — Sua voz parece nervosa, trêmula. — É bom ver que o senhor está bem.

— Isso foi uma ordem, tenente.

— Claro — ele responde prontamente, com a cabeça curvada. — Certamente, senhor. Como devo instruir os soldados?

— Encontre-a — digo a ele. Está ficando cada vez mais difícil falar. Respiro com dificuldade e passo uma mão trêmula pela minha testa. Estou transpirando copiosamente, e esse fato não me passa despercebido.

— Sim, senhor. — Ele tenta me levantar, mas eu seguro seu braço.

— Uma última coisa.

— Senhor?

— Kent — digo, minha voz parece desigual agora. — Faça com que eles o deixem vivo para mim.

Delalieu ergue os olhos, arregalados.

— O soldado Adam Kent, senhor?

— Sim. — Olho dentro de seus olhos. — Eu mesmo quero lidar com ele.

Capítulo 1

Delalieu está parado aos pés da minha cama com uma prancheta na mão.

Sua visita é a segunda que recebo esta manhã. A primeira foi dos meus médicos, que confirmaram que correu tudo bem na cirurgia. De acordo com eles, se eu ficar em repouso esta semana, as novas medicações que me deram devem acelerar o processo de cura. Também disseram que eu poderia retornar às minhas atividades diárias em breve, mas iria precisar usar uma tipoia por um mês, no mínimo.

Disse a eles que era uma teoria interessante.

— Minhas calças, Delalieu. — Estou sentado, tentando estabilizar minha cabeça devido aos enjoos provocados pelos remédios. Meu braço direito não serve para nada agora.

Ergo meus olhos. Delalieu está me encarando sem piscar. Seu pomo de adão está se movendo para cima e para baixo.

Seguro um suspiro.

— O que é? — Uso meu braço esquerdo para me apoiar no colchão e me obrigo a me endireitar. Reúno toda a energia que me sobrou e consigo me segurar na beirada da cama. Faço um sinal com a mão para afastar Delalieu e evitar que ele venha me ajudar; fecho os olhos para não sentir a dor e a tontura. — Conte o que aconteceu — digo a ele. — Não faz sentido prolongar as más notícias.

Sua voz hesita ao declarar:

— O soldado Adam Kent escapou, senhor.

Meus olhos piscam e fica tudo branco sob minhas pálpebras.

Respiro fundo e tento passar a mão boa pelos meus cabelos. Eles estão ásperos e cobertos pelo que parece ser terra misturada com meu próprio sangue. Fico tentado a dar um soco na parede com o punho que me restou.

Ao invés disso, faço uma pausa para me recompor.

De repente percebo com mais nitidez tudo o que se passa à minha volta, os cheiros, os pequenos ruídos e os passos do lado de fora da porta. Detesto essas calças de algodão áspero que colocaram em mim. Detesto não estar usando meias. Quero tomar um banho. Quero me trocar.

Quero colocar uma bala na coluna vertebral de Adam Kent.

— Pistas — exijo. Vou em direção ao banheiro e estremeço só em sentir o ar gelado em contato com minha pele; ainda estou sem camisa. Tento me manter calmo. — Não me diga que me trouxe essa informação sem fornecer nenhuma pista.

Minha mente parece um armário onde estão, cuidadosamente, organizadas as emoções humanas. Quase posso ver meu cérebro funcionando, armazenando pensamentos e imagens. Ponho de lado as coisas que não me são úteis. Me concentro apenas no que precisa ser feito: os componentes básicos de sobrevivência e a infinidade de coisas que preciso fazer durante o dia.

— É claro — Delalieu responde. O medo em sua voz me incomoda um pouco; tento deixar isso de lado. — Sim, senhor — ele diz —, nós acreditamos saber para onde ele deve ter ido e temos motivo para acreditar que o soldado Kent e a — e a garota — bem, como o soldado Kishimoto também fugiu — temos razão para acreditar que eles estão juntos, senhor.

Os compartimentos do meu cérebro estão rangendo para se abrir. Lembranças. Teorias. Sussurros e sensações.

Empurro tudo para longe.

— Claro que sim. — Sacudo a cabeça. Me arrependo. Fecho meus olhos novamente para evitar a tontura repentina. — Não me dê uma informação que eu mesmo já deduzi — consigo dizer. — Quero algo concreto. Me dê uma pista real, tenente, ou só me procure quando tiver uma.

— Um carro — ele completa rapidamente. — Notificaram o roubo de um carro, senhor, e conseguimos rastreá-lo a um local desconhecido, mas então ele desapareceu do radar. Foi como se tivesse deixado de existir, senhor.

Ergo os olhos. Estou atento ao que ele diz.

— Seguimos as pistas que ele deixou no nosso radar — ele diz, falando com mais calma agora — e elas nos levaram a um trecho isolado, a um enorme terreno baldio. Vasculhamos a área e não encontramos nada.

— É alguma coisa, pelo menos. — Massageio o pescoço, lutando contra a fraqueza que sinto dentro dos meus ossos. — Encontro você na Sala L em uma hora.

— Mas, senhor — ele comenta, os olhos presos no meu braço —, o senhor vai precisar de assistência médica — está em tratamento — vai precisar de ajuda para se recuperar...

— Está dispensado.

Ele hesita.

Então concorda:

— Sim, senhor.

Capítulo 2

Consigo tomar banho sem desmaiar.

Foi um banho de gato, com a esponja, mas mesmo assim me sinto melhor. Tenho uma tolerância extremamente baixa para a desordem; ela ofende meu ser. Tomo banho diariamente. Faço seis refeições ao dia. Dedico duas horas todos os dias para treinamento e exercícios físicos. E detesto andar descalço.

No entanto, estou aqui parado agora, nu, faminto, cansado e descalço no meu closet. Isso não é nada bom.

Meu closet é separado em várias seções. Camisas, gravatas, calças, blazers, e botas. Meias, luvas, cachecóis e casacos. Tudo arrumado de acordo com a cor, e depois com os tons de cada cor. Cada peça de roupa guardada aqui foi escolhida meticulosamente, e feita sob medida para servir perfeitamente no meu corpo. Não me sinto eu mesmo até estar completamente vestido; faz parte de quem eu sou e de como começo o dia.

Agora não tenho a mínima ideia do que devo vestir.

Minhas mãos tremem ao pegar um vidrinho azul que me deram essa manhã. Coloco duas das pílulas quadradas na minha língua e as deixo dissolver. Não tenho certeza para que elas servem; só sei que ajudam a recuperar o sangue que perdi. Me encosto na parede até minha cabeça clarear e sentir mais força nos pés.

Isso, uma tarefa tão simples. Está sendo um obstáculo que eu não esperava.

Primeiro coloco as meias; um prazer simples que exige mais esforço do que atirar num homem. Por um instante penso no que os

paramédicos fizeram com as minhas roupas. *As roupas*, digo a mim mesmo, *apenas roupas*; estou me concentrando apenas nas roupas agora.

Nada mais. Nenhum outro detalhe.

Botas. Meias. Calças. Suéter. Meu casaco militar com tantos botões. *Tantos botões que ela arrancou.*

É um pequeno lembrete, mas o suficiente para me atingir.

Tento afastar essas lembranças, mas elas não querem ir embora, e quanto mais eu tento ignorá-las, mais elas se multiplicam num monstro que não pode ser subjugado. Não percebo que caí de encontro à parede, até sentir a friagem subindo pela minha pele; estou respirando com dificuldade e apertando os olhos com força para afastar a repentina onda de humilhação.

Eu sabia que ela estava assustada, até mesmo apavorada, mas nunca pensei que esses sentimentos fossem relacionados diretamente a mim. Eu tinha acompanhado sua evolução durante aquele tempo que passamos juntos; à medida que as semanas passavam ela parecia cada vez mais à vontade. Mais feliz. Tranquila.

Tinha chegado a pensar que ela havia vislumbrado um futuro para nós dois; que ela desejava estar ao meu lado, mas simplesmente achava isso impossível.

Nunca tinha suspeitado que o motivo por trás de sua recém-descoberta felicidade estivesse relacionado a Kent.

Passei a mão na ferida do meu rosto; cobri minha boca. As coisas que eu havia dito a ela.

Uma respiração entrecortada.

O modo como a toquei.

Meu rosto enrijece.

Se fosse apenas uma atração sexual, tenho certeza que não sentiria uma humilhação tão insuportável. Mas eu queria muito mais do que apenas seu corpo.

De repente imploro para minha mente se concentrar apenas nas paredes. Paredes. Paredes brancas. Blocos de concreto. Cômodos vazios. Espaços abertos.

Construo paredes até que elas começam a desmoronar, e então me forço a construir outras para ocuparem seu lugar. Construo e construo e fico sem me mover até minha mente estar limpa, desinfetada, não contendo nada mais que um pequeno cômodo branco. Uma única lâmpada pendurada no teto.

Limpo. Intocado. Intacto.

Pisco para afastar a avalanche que está prestes a inundar o pequeno mundo que construí; engulo com força o medo que sobe pela minha garganta. Empurro as paredes criando mais espaço no cômodo, para poder respirar com mais facilidade. Até ser capaz de ficar em pé.

Às vezes desejo sair por uns instantes do meu corpo. Quero poder deixar para trás esse corpo cansado, mas minhas correntes são tantas, a carga pesada demais. Essa vida é tudo o que me sobrou. E eu sei que não serei capaz de me olhar no espelho pelo resto do dia.

Subitamente fico revoltado comigo mesmo. Tenho que sair daqui o mais rápido possível, ou meus pensamentos irão se rebelar contra mim. Tomo uma decisão apressada pela primeira vez, presto pouca atenção ao que estou vestindo. Coloco um par de calças limpas e saio sem camisa. Enfio meu braço sadio na manga de um blazer e deixo o outro ombro cobrir a tipoia que segura meu braço ferido. Estou ridículo vestido assim, mas amanhã encontrarei uma solução.

Antes tenho que sair desse quarto.

Capítulo 3

Delalieu é a única pessoa que não me odeia.

Ele ainda passa a maior parte do tempo na minha presença se curvando de medo, mas, de certa forma, não está a fim de me derrubar. Posso sentir isso, apesar de não entender. Provavelmente ele é a única pessoa neste prédio que está feliz por eu não ter morrido.

Levanto a mão para afastar os soldados que se apressam em minha direção quando abro a porta. É preciso muita concentração para que meus dedos não tremam quando limpo o brilho da transpiração que cobre minha testa, mas não vou me permitir um momento de fraqueza. Esses homens não temem pela minha segurança; eles querem apenas olhar mais de perto o triste espetáculo que me tornei. Eles querem ser os primeiros a ver as rachaduras na minha sanidade. Mas eu não tenho a menor vontade de virar um objeto de curiosidade.

Meu trabalho é liderar.

Levei um tiro; não será fatal. Há outras coisas para serem resolvidas; eu irei resolvê-las.

Esse ferimento será esquecido.

O nome dela não mais será mencionado.

Meus dedos cerram e descerram enquanto caminho em direção à Sala L. Nunca havia percebido como esses corredores eram compridos e a quantidade de soldados que se alinhavam nos saguões. Não há como evitar os olhares curiosos e sua decepção pelo fato de eu não ter morrido. Nem preciso olhar para eles para

saber o que estão pensando. Mas saber como eles se sentem me deixa ainda mais determinado a viver uma vida longa.

Não vou dar a satisfação da minha morte a ninguém.



— Não — recuso o chá e o café pela quarta vez. — Não bebo cafeína, Delalieu. Por que você sempre insiste em servir isso às refeições?

— Pensei que o senhor pudesse mudar de ideia, senhor.

Ergo os olhos. Delalieu está dando aquele sorriso estranho, vacilante. E eu não tenho certeza, mas acho que ele acabou de fazer uma piada.

— Por quê? — Estendo a mão para pegar um pedaço de pão. — Sou perfeitamente capaz de ficar de olhos bem abertos. Só um idiota iria depender da energia de um grão ou de uma folha para ficar acordado durante todo o dia.

Delalieu não está mais sorrindo.

— Sim — ele diz. — Com certeza, senhor. — E olha para sua própria comida. Vejo quando ele afasta sua xícara de café com os dedos.

Coloco o pão de volta no meu prato.

— Minhas convicções — digo para ele, num tom manso dessa vez — não deveriam influenciar as suas com tanta facilidade. Você deve defender suas ideias, Delalieu. Formular argumentos claros e lógicos. Mesmo que eu discorde.

— Claro, senhor — ele murmura. Ele não diz nada por alguns segundos, mas então vejo que ele pega a xícara de café novamente.

Delalieu.

Acho que ele é meu único parceiro para conversas.

Ele foi designado para esse setor pelo meu pai e, desde então, recebeu ordens para continuar aqui até que não seja mais capaz de trabalhar. E embora ele seja provavelmente uns quarenta e cinco anos mais velho do que eu, ele insiste em trabalhar diretamente sob meu comando. Conheço Delalieu desde que eu era criança; costumava vê-lo em nossa casa, participando das muitas reuniões que aconteciam lá nos anos anteriores ao Restabelecimento tomar o controle.

Havia incontáveis reuniões na minha casa.

Meu pai estava sempre planejando coisas, fomentando discussões e conversas sussurradas das quais nunca pude participar. Os homens que compareciam àqueles encontros são os que estão no poder do mundo agora, então, quando olho para Delalieu não consigo deixar de pensar por que ele nunca ambicionou coisas mais importantes. Ele fez parte desse regime desde o início, mas, de certa forma, parece satisfeito em morrer como sempre foi. É sua escolha continuar subserviente, mesmo quando lhe dou a oportunidade de expressar sua opinião; ele se recusa a ser promovido, mesmo quando lhe ofereço um aumento de salário. E embora aprecie sua lealdade, sua dedicação me enerva. Ele parece não almejar nada que já não possua.

Eu não deveria confiar nele.

Ainda assim, eu confio.

Mas comecei a enlouquecer por falta de um papo amigo. Não posso manter nada mais além de uma distância fria dos meus soldados, não apenas porque eles querem me ver morto, mas também porque tenho responsabilidades como líder, e tenho de tomar decisões imparciais. Estou condenado a uma vida de solidão, uma na qual não tenho companheiros, e viver apenas na minha mente. Procurei construir em mim mesmo um líder temido, e fui bem-sucedido; ninguém questionará minha autoridade ou expressará uma opinião contrária à minha. Ninguém fala comigo a não ser como o

comandante-chefe e regente do Setor 45. Amizade não é uma coisa que eu já vivenciei. Nem como criança, nem agora.

Exceto.

Há um mês, abri uma exceção a essa regra. *Houve* uma pessoa que me olhava diretamente nos olhos. A mesma pessoa que falava comigo sem censura, alguém que não tinha medo de expressar raiva e sentimentos verdadeiros e puros na minha presença; a única que já ousou me desafiar, que já levantou a voz para mim...

Aperto os olhos com força pelo que parece ser a décima vez num só dia. Solto meu punho em volta do garfo e o deixo cair sobre a mesa. Meu braço começou a latejar novamente e tento alcançar as pílulas que estão guardadas no meu bolso.

— O senhor não deveria tomar mais do que oito comprimidos num período de vinte e quatro horas, senhor.

Abro a tampa e jogo mais três pílulas na boca. Realmente gostaria que minhas mãos parassem de tremer. Meus músculos estão contraídos, tensos demais. Muito esticados.

Não espero as pílulas derreterem. Mastigo uma a uma, triturando seu amargor. Tem algo de nojento nelas, um sabor metálico que me ajuda a concentrar.

— Me fale sobre Kent.

Delalieu derruba sua xícara de café.

Os ajudantes da sala de jantar haviam se retirado a meu pedido; Delalieu não recebe ajuda de ninguém quando se atrapalha para limpar a bagunça. Fico recostado na cadeira, olhando para a parede atrás dele, calculando os minutos que perdi hoje.

— Deixe o café.

— Eu... sim, é claro, desculpe, senhor.

— Pare com isso.

Delalieu deixa cair os guardanapos ensopados. Suas mãos estão paralisadas, pairando sobre seu prato.

— Fale.

Observo sua garganta se mexer quando ele engole em seco e hesita.

— Não sabemos, senhor — ele murmura. — Deveria ser impossível encontrar aquele prédio, muito menos entrar lá. Ele está trancado e suas travas enferrujadas. Porém, quando o encontramos — ele diz —, quando o encontramos, estava... a porta havia sido destruída. E não temos certeza como conseguiram fazer isso.

Me sento.

— O que você quer dizer com *destruída*?

Ele sacode a cabeça.

— Foi... muito estranho, senhor. A porta havia sido... destroçada. Como se um animal a tivesse dilacerado com suas garras. Sobrou apenas um enorme buraco no meio da armação.

Me levanto rápido demais, segurando na mesa para me apoiar. Mal consigo respirar ao pensar nisso, na possibilidade do que deve ter acontecido. E não posso evitar o prazer doloroso de lembrar seu nome uma vez mais, porque eu sei que deve ter sido ela. Ela deve ter feito algo extraordinário, e eu nem estava lá para testemunhar.

— Chame o transporte — ordeno a ele. — Encontrarei você no Quadrante em exatamente dez minutos.

— Senhor?

Já estou saindo pela porta.

Capítulo 4

A porta está esvaçalhada ao meio. Exatamente como se feito por um animal. É verdade.

Para um observador despreparado, essa seria a única explicação, mas nem assim isso faria sentido. Nenhum animal vivo poderia destroçar todas essas camadas de aço reforçado sem amputar seus próprios membros.

E ela não é um animal.

Ela é uma criatura meiga e mortal. Gentil, tímida e assustadora. Ela está completamente fora de controle e não tem nem ideia do que é capaz de fazer. E muito embora me odeie, não consigo deixar de estar fascinado por ela. Estou encantado pela sua pretensa inocência; até mesmo invejoso do poder que ela detém tão despreziosamente. Queria tanto fazer parte do seu mundo. Quero saber o que se passa na sua mente, sentir o que ela sente. Deve ser um peso terrível de se carregar.

E agora, ela está solta lá fora, em algum lugar, liberta na sociedade.

Que belo desastre.

Deslizo meus dedos pelas bordas farpadas do buraco, com cuidado para não me cortar. Não houve nenhum planejamento naquilo, nenhuma premeditação. Somente um fervor angustiante, aparentemente pronto a destruir essa porta. Fico imaginando se ela sabia o que estava fazendo quando tudo aconteceu, ou se foi simplesmente tão inesperado para ela como naquele dia que rompeu aquela parede de concreto para chegar a mim.

Tenho que segurar um sorriso. Imagino o que ela se lembra daquele dia. Todo soldado com o qual trabalhei passou por uma simulação sabendo exatamente o que esperar, mas, propositadamente, ocultei os detalhes dela. Acreditava que a experiência deveria ser a mais realista possível; esperava que os elementos realistas disponíveis fossem conferir autenticidade ao evento. Mais do que qualquer outra coisa, queria que ela tivesse uma oportunidade para explorar sua verdadeira natureza — exercitar sua força num espaço seguro — e, devido ao seu passado, eu sabia que uma criança seria a motivação perfeita. Mas nunca poderia ter previsto resultados tão revolucionários. Seu desempenho foi além de todas as minhas expectativas. E embora eu quisesse discutir os efeitos com ela mais tarde, quando a encontrei ela já estava planejando sua fuga.

Meu sorriso fraqueja.

— Gostaria de entrar, senhor? — A voz de Delalieu me traz de volta ao presente. — Não há muito para se ver lá dentro, mas é interessante perceber que o buraco é do tamanho exato para alguém poder passar. Parece claro para mim, senhor, qual era o objetivo.

Aceno com a cabeça, distraído. Meus olhos catalogam cuidadosamente as dimensões do buraco; tento imaginar como deve ter sido para ela estar aqui, tentando abrir passagem. Desejo desesperadamente conversar com ela sobre tudo isso.

Meu coração dá um salto repentino.

Lembro mais uma vez que ela não está mais comigo. Ela não vive mais na base.

A culpa por ela ter partido é minha. Acreditei que ela estava finalmente indo bem, e isso atrapalhou minha avaliação. Eu deveria estar prestando mais atenção aos detalhes. Aos meus soldados. Perdi a noção de quais eram meus objetivos e minha maior razão; o verdadeiro motivo de trazê-la para a base. Fui um idiota. Descuidado.

Mas a verdade é que eu estava distraído.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Estilhaça-me #1.5) Destrua-me" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).